



Simonsen: o expurgo é inevitável.

ECONOMIA
Brasil

Expurgo

25 JUN 1983

direto, o preferido por Simonsen.

JORNAL DA TARDE

O ex-ministro Mário Henrique Simonsen defendeu ontem, em almoço da ABA — Associação Brasileira de Anunciantes, duas ideias centrais para sair do impasse econômico no País: 1) o fim dos orçamentos públicos do governo (Orçamento das Estatais, Orçamento Monetário e Orçamento da União); e 2) a revisão do sistema "superabrangente" de indexação da economia. Nessa linha, apoiou o expurgo das correções e a eliminação das ORTN com cláusula cambial.

Simonsen reiterou algumas grandes linhas do pensamento que tem exposto nas últimas semanas: "Quando se cortam os subsídios é inevitável que todos paguem por isso. Mas isto não significa falsificar indicadores, que devem registrar os índices com e sem expurgo".

— O expurgo é inevitável — argumentou o ex-ministro. — Mas é preciso escolher entre o direto e o indireto.

Em sua opinião, é melhor o expurgo direto, ou seja, declarado e formalizado pelas autoridades; porém, se esse expurgo for rejeitado pela sociedade, acaba ocorrendo o expurgo indireto, que custa mais em termos de emprego e penaliza desigualmente as pessoas. "O sacrifício via inflação acaba sacrificando mais as camadas mais pobres."

Para o ex-ministro, vive-se um momento em que já é impossível cortar mais as importações, uma vez que não há mais compra de supérfluos. "O mercado interno é o mais importante — declarou — mas não gera dólares, e qualquer saída passa pela equação do balanço de pagamentos."

Renegociação

Indagando se valeria a pena renegociar a dívida externa por um período de 30 anos, com 5 anos de carência para o principal e juros de 7% ao ano, Simonsen afirmou que mesmo nessa hipótese seria preciso gerar US\$ 8 bilhões de superávit comercial para pagar os juros, "embora ficassem abertas perspectivas futuras. Se ao contrário partíssemos para uma moratória unilateral, teríamos uma enorme recessão".

— O maior desafio da sociedade brasileira é o de que não há escapatória para certas verdades aritméticas. Superávit só gastando menos do que se produz. O ideal seria aumentar a produção, só que não temos nem tempo nem reservas cambiais. A sociedade não tem como escapar a um empobrecimento temporário — este é o ponto que o Brasil precisa reconhecer. Para isso, só há duas alternativas: 1) o empobrecimento planejado; e 2) o empobrecimento forçado, à revelia

da sociedade, por falta de uma definição. É melhor o sacrifício planejado. Em geral, o sacrifício não planejado perpetua o resultado recessivo.

Simonsen defendeu um "sacrifício de forma inteligente, abrindo caminho para nova fase de crescimento e criação de empregos. Os economistas, afinal, foram inventados para fazer prosperidade e não recessão. A mudança da estrutura de preços relativos é o remédio mais eficaz para ajustar o sistema de contas externas de um País".

Originalidades

O ex-ministro mostrou que o País "insiste em duas originalidades: o orçamento múltiplo do governo e o sistema superabrangente de indexação de tudo e de todos". Mostrou os desvios que surgem sempre nos Orçamentos Monetário e das Estatais, que não passam pelo Congresso, e assinalou a dificuldade de fazer qualquer coisa enquanto não se conhecem os dados orçamentários.

Simonsen propôs que o País olhe para o Exterior como foram tratados os problemas orçamentários e da indexação da economia. "Ou então nos fechamos e passamos um longo período até reinventar a roda." Advertiu para o fato de que "os sacrifícios não serão necessariamente longos", e condenou o debate com "sentimentalismos".

Mercado aberto

A proposta do ex-ministro para o mercado aberto é a de que o Banco Central volte a fazer política monetária com as Letras do Tesouro Nacional, e não com as ORTN com cláusula cambial.

A argumentação do ex-ministro quanto à desdolarização da economia (eliminação dos ativos expressos em dólares) é a de que ela deve ser feita somente sobre as ORTN cambiais, que poderiam ser suprimidas.

Publicidade

O presidente da ABA, Eugênio Saller, saudou Simonsen defendendo o investimento publicitário e condenando a diminuição de investimentos, porém não seu controle e avaliação de retorno.

— A palavra crise — disse Saller — instalou-se nas empresas, nos lares e nas ruas. E, como resposta a essa situação, muitos têm optado pela diminuição de seus investimentos, seja demitindo funcionários seja cortando outras despesas e, até mesmo, os investimentos publicitários. Tudo isso por pensarem ser esta uma medida sensata para superar essa difícil situação. No meu entender, entretanto, este não é o melhor remédio para colocar um doente em pé.